

Positividade e Empatia: Construções Subjetivas em Tempos do Neoliberalismo¹

Arlete Nery²

Resumo

Na contemporaneidade, tem-se percebido cada vez mais subjetivações formadas por um discurso que prega a vida perfeita e a felicidade permanente. Mais ainda, o sujeito contemporâneo deve estar sempre a postos para sustentar a dor do outro, ter sempre uma palavra a dizer, estando sempre à disposição. Este trabalho propõe a reflexão e a problematização dos discursos que trazem o protagonismo da Empatia e da Positividade, buscando compreender as condições que favoreceram a entrada deles como essenciais na moral da contemporaneidade e, desta forma, compreender as formações discursivas interferidas por eles no contexto contemporâneo, percebendo como atuam, a quem atendem e que transformações causam.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso, Empatia, Positividade, Sujeito.

TEXTO

Vida perfeita e felicidade permanente são demandas inegáveis do nosso tempo. O sujeito contemporâneo é aquele que deve sustentar a dor do outro e ter sempre algo a dizer. Há quem diga que se houvesse mais Empatia e Positividade, o mundo se tornaria um lugar melhor para se viver. Podemos dizer, inclusive, que esses dois sentimentos fazem parte da moral contemporânea, assim como força, virtude, beleza e nobreza dos pensamentos formaram a moral de séculos passados (NIETZSCHE, 2009). Hoje, entretanto, a retórica argumentativa do sujeito moralmente reto não precisa ser verdade, basta parecer.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ECO/UFRJ. E-mail: arletenery@gmail.com.

Adorno e Horkheimer (1985) refletiram sobre processos dialéticos que moldam discursos e formam sujeitos. Essa mesma perspectiva pode ser utilizada para compreender, por exemplo, a figura do Empreendedor, aquele que batalhou duro, teve sempre pensamentos e atitudes positivas, venceu e será feliz. Neste contexto, preso a modelos ideológicos, o sujeito passa a existir em estado de tutela. A ruptura a este modelo pode se dar pelo que Honneth (2003) chama de pensamento autônomo. Em sua teoria do reconhecimento, o autor traz base teórica para esta reflexão, partindo da ideia de que o processo de formação da identidade tem a necessidade de um reconhecimento recíproco entre dois sujeitos e propõe que indivíduos e grupos sociais se inserem na sociedade lutando mais por reconhecimento do que por autoconservação ou sobrevivência. Honneth fala em Re-conhecer, se ver no outro, e deixar o outro ver a ele em você. Para isso, ele denota o reconhecimento em três esferas: o amor ou amizade; o direito ou sentimento de justiça; a solidariedade ou a cultura. Assim, o indivíduo pleno seria aquele amparado pelo amor da família, pela segurança do Estado, e pelo acolhimento da comunidade. Apesar de vivermos em um sistema de produção e de consumo que cria consciências tratadas como coisas, e, por conta disso, pensarmos as coisas como se fossem dotadas de consciência, esses não seriam os únicos determinantes das formações individuais, relevando os elementos psíquicos como fundamentais para as constituições subjetivas. Os indivíduos não se tornariam, assim, imunes ao sofrimento quando os discursos se impõem. Partilhar positividade, empatia e a crença por um mundo melhor dentro de uma esfera não favorável a estes sentimentos, causaria então mais que insatisfação ao sujeito, mas também angústia e instabilidade emocional. É o sujeito tendo seu inconsciente corrompido para atender às demandas de pertencimento. Nas redes sociais digitais, existe uma lógica de reconhecimento baseada na popularidade. E para ser popular é necessário cumprir as prerrogativas discursivas de formação do sujeito, que em sua síntese atendem basicamente as demandas do cenário econômico e político do nosso tempo, um efeito que Honneth chama de sofrimento por indeterminação. Quem não se enquadrar neste modelo está excluído ou está na ordem da indeterminação.

Safatle (2023), em diálogo com Honneth (2003), enxerga na popularização dos processos clínicos de cura mental, uma espécie de produção performática que leva a uma simulação desejante de inclusão. Podemos pensar que as perturbações da

identidade descendem de uma experiência anterior que é de unidade. O capitalismo promove a divisão social do trabalho, a segmentação do consumo, a fragmentação das trocas sociais, entre outras dissociações. As patologias sociais surgem, então, como demandas bloqueadas ou interrompidas de reconhecimento nos níveis interpessoais, comunitários e institucionais. Desta forma, todas as reivindicações identitárias também fragmentam-se e falam cada uma por si, buscando serem visualizadas, percebidas, reconhecidas, esvaziando, de certa forma, a força do reconhecimento universal.

Ao propor uma reflexão sobre empatia e positividade, refletimos sobre um discurso alienante e tentamos apontar caminhos de enfrentamento para a descolonização de corpos e mentes, algo que nos situe um pouco mais distante do campo da toxicidade.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max; . **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALEMÁN, Jorge. **O que é a subjetividade neoliberal?** Revista IHU On-Line. 31 de maio de 2017. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-nicias-2017/o-que-e-asubjetivacao-neoliber>

BIRMAN, Joel. **Muitas Felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade**. In: FREIRE FILHO, J. (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas, más allá del principio del placer, el porvenir de una ilusión**. 18ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16a edição. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979.

GRAMSCI, Antônio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1987.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo. Moderna. 1994.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

SAFATLE, Vladimir. **O círculo dos afetos - corpos políticos, desamparo e o fim do**

indivíduo. 2a edição. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2023.

SELIGMAN, Martin. **Felicidade autêntica**. São Paulo. Editora, Objetiva, 2004.

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo. Editora Folha de São Paulo. 2021.